

PRODUTOR: Emissora Nacional ☒

RDP ☐

X

Nº. de referência: 2

Título: "O REI IMAGINÁRIO"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): BRANDÃO, RAÚL

Adaptador: ?

Realizador: ?

Locutor: ?

Data de produção: 4/6/1975

Data de Emissão: 9/6/1975

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
YÁRIO PEREIRA	REI IMAGINÁRIO

Estado de conservação: Bom ☐ Razoável ☒ Mau ☐

Tipo de Suporte:

Original ☒ Cópia ☐

Registo Sonoro: Sim ☐ Não ☒

Nº do Registo Sonoro:

Peis

(V.S.F.F.) ⇨

Notas:

- DIREÇÃO ARTÍSTICA - GOSTA FERREIRA

Indexação: - TEATRO RADIOFÔNICO - MONÓLOGO

SERVIÇOS CRIATIVOS	
PROGRAMA: 25	PROGRAMA: 1º
DATA DE ENTREGA: 30/5/75	ENTREGA DE 9/6/75
PERÍODO DE GRAVAÇÃO: A GRAVAR EM 4/6/75 HORA: 10.00	15-15 HORAS VISTO
NÚMERO DO PEDIDO DE GRAVAÇÃO	

O REI IMAGINÁRIO

por
RAUL BRANDÃO

MONÓLOGO

PERSONAGEM

TELES.

O REI IMAGINÁRIO por RAUL BRANDÃO

MONÓLOGO

No Calabouço do Governo Civil. Ao subir o pano atiram para dentro o Teles e fecham logo a porta. O Teles é um homem de sobrecasaca no fio e botas cambadas.

TELES, batendo com desespero à porta.

Abram a porta! Sou eu, o Teles! Canalhas! canalhas! A mim! ao Teles! Canalhas!?... (Sucumbido.) Ao que eu cheguei!... Um magistrado! um antigo magistrado no calabouço! Ah!...ah!...Que trambulhão! (Suspira fundo. Pausa.) Eu sou o Teles. Toda a gente me conhece. Algumas por carícias, o jogo... uma vergonha maior, e atiraram comigo para fora do quadro. Mas fui juiz, deviam ter por mim alguma consideração. Sou de uma família ilustre. De miséria em miséria acabei, é claro, por pedir à porta dos cafés e nas casas de jogo aos meus antigos condiscipulos. Outros começaram por aí e estão cheios de consideração, apesar de terem praticado toda a casta de infâmias. As infâmias não fazem ao caso. Saber-se também não faz ao caso. A questão é de maneiras... Há-os que por uma ninharia se degradam para sempre. Sorte. O que o mundo não perdona é a falta de habilidade. E quando então se cai, cai-se de vez. Até os amigos têm pena da gente e dão-nos esmola. Esmola, ah?... Com que satisfação um deles me disse há dias: - Pega lá dez tostões, não quero que passes fome. Quando tiveres fome vem ter comigo que eu dou-te uma placa. - Tinha-me odiado sempre. E eu aceitei! e eu aguento-me! eu vivo!... Sustentou-me de ódio, de ódio inútil bem sei. Ponto-me a cismar na ruína deste, daquele, de todos... Tenho-os nas mãos e desgraço-os. Maquino crueldades e imagino que tenho génio. Melhor! melhor!... A minha imaginação é ridícula, mas ampara-me. Se não fosse ela já tinha estoirado para aí a um canto... É com este sonho grotesco que levo a vida, é sonhando que tenho suportado a desgraça. Vingou-me assim e julgou-me,

feliz. (Mais baixo) Sonho que sou rei... Caio de degradação em degradação e sonho sempre, sonho mais. De juiz passei a ladrão, de magistrado a ladrão - a sonhar. (Mais alto.) Aceitei primeiro dinheiro das partes. Fui surpreendido e vi morrer minha mulher de desgosto. Não! não! isto ainda é o menos... Vi-a morrer e suportei essa dor sonhando. Fui riscado do quadro e expulso. Habituei-me à vergonha de pedir. Pior habituei-me a ser repellido. Vi os outros considerados e ricos, e vi-me a mim desprezado e pobre. Como pude suportar a vida? Sonhando, sonhando sempre... Tinha duas filhas, e uma vi-a morrer tísica. A minha filha!... Uma filha, ah?... E sonhei, entranhei-me mais no sonho... Não, nunca bebi, não bebo senão água por causa do fígado... Mas vê-la morrer! ouvi-la dizer-me: - Pai, tire de aí dessa gaveta a roupinha que está apartada para me vestirem com ela. Pai, essa saia que foi cosida pelas mãos de minha mãe... Sobe o que me custa? É deixá-la só, porque o pai precisa de mim. Eu bem sei que só eu no mundo lhe sorria, só eu choro consigo e isto há-de fazer-lhe falta. - E eu suportei tudo! eu meti-a por minhas próprias mãos no caixão de aluguer! Eu pude com tudo, porque quando o coração se me parte; quando todas as fibras estalam; quando roubei e fui parar à enxovia; quando - pior! pior! - aquele meu amigo que odiei sempre, me deu esmola - sonhava que era rei, e rei absoluto... Escusam de se rir, estou no meu juízo perfeito. Palavras que não bebo senão água. Tenho esta faculdade de sonhar acordado, de sonhar sempre que quero. Acho que todos a têm, mas eu cultivo-a. Sou rei. (Mais baixo em confidência.) E rei absoluto. É extraordinário o que a cada um conserva até à velhice, até aos cabelos brancos de sonhos, de mamá! mamá! de infantilidades, quase sempre escondidas, para que os outros se não riam e a gente se não ria de si própria! (Mais alto) Este sonho sonho-o desde pequeno quando me batiam. Este sonho fui-o acrescentando pela vida fora sempre que as coisas me corriam tortas. E é o que me vale porque na minha vida há pior, muito pior... Mais desgraça. Tinha outra filha e perdi-a. Acho que fui eu que a perdi, embebido no sonho. Que canalha! que canalha queeu sou! E de que profunda abjeção não é capaz o homem! Outro dia... A minha filha era uma flor e anda por aí com dezito anos, por essas ruas. Tenho-a encontrado e já me deu esmola... Já me deu esmola a minha filha! Noutro dia, ao pé do Tavares, ia com uns estúrdios, chegou-se a mim e meteu-me uma moeda nas mãos. Oh meu Deus!... Desgraça acarreta desgraça. É então que eu sonho, é nessas noites que eu sonho cada vez mais desesperado. Fico em braza. Às vezes dão-me encontros mas não ve-

jo, não ouço, vou absorvo, com o meu pão e o meu sustento. Quanto mais degradado mais sonho. Canalha sim, bem sei que sou canalha - mas sonho. O homem que desce é capaz de tudo... (Sorri.) Agora é que eu devia ser juiz, porque aprendi e sei que atrás de cada ser há outro ser e de cada homem que conhecemos outro homem ignorado, agora que não passo do Teles... Outra coisa me persegue agora para além da papelada dos autos, outra coisa em que não tinha pensado, porque o juiz julga segundo o código e a lei, e eu julgaria segundo outro fantasma que está a meu lado, segundo outro homem que tenho encontrado em mim e nos outros. Tudo corre bem quando se vai pela vida fora metido entre duas paredes e sem se olhar para o lado. É o que há de melhor. Mas só quem sai de caminho trilhado é que sabe do que é capaz... É estranho o que se passa na alma em certos momentos. Estranho e horrível. Uma coisa imunda começa a falar, a pregar, a obrigar-nos a fazer aquilo a que não nos supunhamos destinados... Julgar? mas julgar o quê?... O homem que tu és? ou o homem que está por trás de ti? Julgar-te! julgar uma alma! Uma alma!... Foi talvez por isso que Aquele que sabemos disse um dia: - Não julgarás! - Não, não é só piedade por todo o ser humano, por todos os desgraçados, é outra coisa que tem sobressaltado as minhas noites, outra coisa mais negra e mais profunda... Que distância há entre o homem e o homem? entre o homem correcto, o homem de todos os dias e o homem capaz de praticar um crime?... Que mixórdia! e que canalha eu sou quando deparo com o fundo de mim mesmo!... Mas não me julguem infeliz. Não sou infeliz. Devo confessar que depois que sou desgraçado é que me sinto mais feliz. Encontrei-me. Não tenham pena de mim. Sou o Teles que toda a gente conhece - e sou rei... E estes canalhas prenderem-me aqui por uma bagatela! não terem por um antigo magistrado uma certa consideração! (Bate outra vez à porta.) Abram a porta! abram a porta! Há horas em que tudo isto me parece muito negro e muito doloroso. Há horas em que me encho de desespero e de vômito, e chego a ter vontade de morrer. As minhas filhas; o meu nome! a minha carreira! Mas hei-de vingar-me, hei-de vingar-me deles todos! Hei-de esmagá-los! Sou rei absoluto. (Faz gestos. Começa a absorver-se no sonho). Um dia chamem-me diante de mim e não tenho piedade. À minha presença! venham à minha presença!... Tu não tu!... Tu mesmo!... Agora é que elas se pagam... (E prosegue absorto no devaneio.) Eu sou rei, vês? Compreendes o que eu sou? Sou rei, meu amigo, e rei absoluto. Sim, sim... absoluto! (E fica a cismar fazendo gestos e falando em sonho): - Anh? Olá! - (Enquanto o pano desce).



FOLHA DE PRESENCAS

Ministério do Interior - Referência

N./R.P.L. 425

N.º S.P.P.

Datas

da gravação 4 de Junho de 1975 às _____ horas.

da 1.ª emissão 9 de Junho de 1975. Programa 1.º - 15/15

Director artístico

Costa Ferreira. Costa Ferreira

[illegible]

Gravação

Visto do Chefe da S.P.P.

Lisboa, 4 de Junho de 1960